



A FESTA DE SÃO JOSÉ, DO BAIRRO VILA NOVA, FRANCISCO BELTRÃO/PR: A PEDAGOGIA DO ESTAR JUNTO

ANILTON NUNES DOS REIS

EIXO: 8. EDUCAÇÃO, CULTURA E RELIGIÃO

RESUMO

Festa e religião estão intrinsecamente ligadas. A festa, momento de ruptura do cotidiano, adentra a vida das pessoas, quebra a rotina e insere um átimo de descontração, alegria, diversão e conagração. A religião, religação entre o ser humano e alguma divindade, é um fenômeno coletivo que exerce função social, pode aproximar os indivíduos e multiplicar os contatos. A religião, entretanto, transita numa tênue linha entre sagrado e profano, como constatado na festa de São José, no bairro Vila Nova, em Francisco Beltrão/PR. A festa proporciona, ainda, oportunidade de se estar junto e sua pedagogia, onde aprender e ensinar, colocar em práticas saberes e fazeres enobrecem as relações e valorizam os entes que doam tempo, sabedoria e experiências.

Palavras-chave: Festa, religião, estar junto.

ABSTRACT

Party and religion are intrinsically linked. The party, the daily break time, enters people's lives, breaks the routine and enter an instant of relaxation, joy, fun and reconciliation. Religion, reconnection between human and a deity, is a collective phenomenon that exerts social function, you can approach individuals and multiply contacts. Religion, however, moves a fine line between sacred and profane, as found in the commemoration of St. Joseph in Vila Nova district of Francisco Beltrão/PR. The party further provides opportunity to be together and his pedagogy where learning and teaching, put into practice knowledge and actions ennoble relations and value the ones who donate time, wisdom and experience.

Keywords: Party, religion, stand together.

INTRODUÇÃO

A festa é, desde os primórdios, um tempo de comemorar algo, de extravasar, sair da rotina. Para quem vai participar, há toda uma preparação, veste-se a melhor roupa, perfuma-se, prepara-se para o que virá. É momento de ver e ser visto, de se divertir, sair da rotina. Dar um tempo, quebrar o cotidiano e se inserir em um instante de fuga, de extravasar, mas também de renovar-se para voltar à normalidade do dia a dia. As festas passam pela motivação, organização, pelo financiamento, divulgação e execução. Elas encontram nos equipamentos culturais o lugar para sua realização e, na manutenção das tradições, sua continuidade.

Para entender parte das dinâmicas de determinado bairro, optou-se por fazer um estudo da vivência de uma festa, organizada pela comunidade católica. Esta pesquisa teve como objetivos, dentre outros, analisar as festas como manifestações culturais e expressão da vida comunitária; identificar os sujeitos envolvidos com a cultura e com a organização da festa de São José, assim como analisar o significado desta festa para a vida comunitária do bairro, o que se aprende e o que se ensina.

A pesquisa, do tipo etnográfica, foi delimitada ao espaço geográfico do bairro Vila Nova, na cidade de Francisco Beltrão, no Sudoeste do Paraná, entre 2013/2014. Foram apontados, por meio de mapeamento cultural, os equipamentos culturais localizados no bairro, as utilizações e apropriações dos moradores dos respectivos equipamentos, as eventuais festas e eventos realizados nestes locais e os agentes culturais[i] envolvidos na organização e na participação das atividades festivas. Aos organizadores e participantes, a aplicação de entrevista semiestruturada contribuiu na compreensão das nuances que envolvem os acontecimentos, acrescido de análise de fotografias e de documentos.

Para chegar às festas, aos agentes culturais e aos equipamentos, foi utilizado o mapeamento cultural, que é o levantamento de dados referentes a atividades, práticas, espaços, eventos, festas, manifestações, institucionalizados ou não, de grupos e artistas em determinado território, urbano ou rural. Este procedimento para apontar informações está alicerçado na Lei 12.343, de 2 de dezembro de 2010, que institui o Plano Nacional de Cultura - PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC e dá outras providências (BRASIL, 2010).

Equipamentos culturais são “todo e qualquer espaço, coberto ou aberto, de utilização pública permanente, destinados à produção, guarda, gestão e exibição de produtos culturais de diversas áreas” (PARANÁ, 2011b, p. 30). Fazem parte de um “universo global por onde circulam, são produzidas e consumidas as obras de cultura e arte” (COELHO, 1997, p. 251). São, de acordo com as definições de Coelho (1997) e de Paraná (2011b), as estruturas físicas, as edificações voltadas para a prática e a disseminação da cultura em uma sociedade.

A cidade de Francisco Beltrão, sudoeste do Paraná, onde foi ambientada a pesquisa, integra uma região colonizada por sul-rio-grandenses e catarinenses, além de alemães, italianos e poloneses, vindos, em sua maioria, também do Rio Grande do Sul, após ficarem escassas as terras para cultivo. A ocupação do Sudoeste do Paraná, com seu ápice nas décadas de 1950/60, foi incentivada pelo Governo Federal, que distribuiu terras, sementes e algum tipo de maquinário aos que se prontificaram a ocupar a uma vasta região que os gestores da época denominavam “vazio demográfico”[ii], expressão contestada por alguns historiadores por não levar em consideração os índios e caboclos que habitavam aquele espaço.

No entanto, a ocupação não foi pacífica e nem tão pouco romanceada como descrito por alguns historiadores, como Lazier (2006), Martins (1986), Wachowicz (1985), dentre outros. Indígenas e caboclos que habitavam a região foram enxotados do lugar e quase que esquecidos dos registros históricos, conforme Langer (2010), Flávio (2011), dentre outros, que apontaram a discrepância ao compararem suas pesquisas com as anteriores.

Acrescente ao contexto, a instabilidade reinante, fruto da precariedade dos termos de posse da terra e pelas disputas entre os governos federal, estadual e empresas grileiras – cada um reivindicando para si o direito de posse das terras do Sudoeste do Paraná. O imbróglcio culminou com a Revolta dos Posseiros[iii], quando foram expulsos os jagunços de uma das empresas que fazia a distribuição dos terrenos. Posteriormente, o Presidente da República, João Goulart, criou a GETSOP (Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná), autarquia que regularizou a situação da maioria dos posseiros.

Essa profusão de distintas etnias na formação do povo desse lugar reflete nas disputas travadas diariamente no jogo de poder e de visibilidade, refletida nos marcos e símbolos espalhados pela cidade; na noção de território, de espaço e de lugar. O território, na visão de Santos (1988), é aquele que é usado, construído pelas pessoas. Apresenta suas potencialidades, sua efetividade e sua importância, a partir de “suas próprias virtualidades, naturais ou sociais, preexistentes ou adquiridas segundo intervenções seletivas” (SANTOS, 1988, p. 11). O território é onde a vida acontece, o sujeito constrói sua história e faz o seu tempo a partir dos diferentes condicionamentos sociais.

Certeau (2011) faz a distinção entre lugar e espaço, embora um esteja para o outro como a palavra quando falada, “quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação”. Para o autor “lugar é a ordem (seja ela qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” (CERTEAU, 2011, p. 184), enquanto espaço é um “cruzamento de móveis”. Em suma, “espaço é o lugar praticado” (CERTEAU, 2011, p. 184), conceito com o qual este autor comunga. Já Santos (1988) tem o espaço como o “lugar habitado” (SANTOS, 1988, p. 10).

Há, também, reflexos nos aspectos da cultura, manifestados nas formas de socialização das pessoas, de estar junto, de conagração. Um dos momentos de confraternização entre os moradores de Francisco Beltrão e de várias cidades do Sul que salta aos olhos ocorre em datas festivas (dias de santo, comemorações como Dia do

Trabalho, festas das comunidades, festas étnicas, dentre outras). As festas acontecem grandes salões, chamados de Centros Comunitários, situados ao lado de praticamente todas as igrejas católicas erguidas nas diversas comunidades, assim como em centros de eventos espalhados pela cidade. São duas ou mais áreas cobertas. Numa delas estão alojadas colossais churrasqueiras; ao lado, um salão de festas com um pequeno palco, tablado para a dança gaúcha, cozinha, área de bar, mesas, cadeiras e uma infraestrutura suficiente para acomodação do público.

As mesas largas e compridas são alocadas lado a lado, bem próximas umas das outras, num primeiro momento, para ocupar o máximo de espaço e acomodar o maior número de comensais. No entanto, essa estratégia propicia o contato entre as pessoas, a troca de pratos e complementos que um ou outro trouxe de casa, assinalando um momento de interação e de vivência coletiva.

O ápice da festa se dá quando é servida refeição, que tem o churrasco, especialmente o da costela bovina, como prato principal, acompanhado por cuca italiana, pão, salada de batatas, salada verde e legumes, vinho colonial, cerveja e refrigerante. Um desfile de vasilhames com carne assada marca o instante de expectativa para se degustar o prato principal. O que se percebe é a profusão de cheiros, sons e o tilintar de talheres resultado da frenética atividade dos frequentadores da festa; a propagação de conversas intensas e fervorosas, gargalhadas, cumprimentos mais incisivos que enunciam os momentos de descontração entre os participantes.

Após a refeição, poucos se dispersam. Vem o momento de sorteios e, em seguida, a matinê, quando os casais apresentam-se para a dança ao som de música gauchesca e proporcionam um espetáculo de encher os olhos aos recém-chegados ao meio[iv].

O que faz a festa

Os preparativos para a realização de uma festa envolvem sempre um contingente significativo de indivíduos, por vezes de diferentes grupos da sociedade. Sua realização passa pela motivação: religiosas, profanas, nacionais, regionais, locais; bem como festas de cunho íntimo (aniversário, casamento, comemorações diversas), as festas de desregramento (Duvignaud, 1983), tais como bailes, jantares festivos; e ainda festas de representação (Duvignaud, 1983), tais como as diversas cerimônias de comemorações militares, aberturas de parlamentos, espetáculos de teatro, etc., caracterizada pelo número restrito de participantes, onde o público só assiste.

A festa passa pelo planejamento, financiamento, divulgação, execução até chegar ao momento de conagração, átimo em que Durkheim (1989, p. 456) aponta a superação das distâncias entre os indivíduos; a produção de um estado de “efervescência coletiva[v]”, “as transgressões das normas”, “a coesão do grupo social”, possibilitando a “ruptura do cotidiano” (DUVIGNAUD, 1983), até chegar ao “êxtase” (MAFFESOLI, 1985)[vi].

Caracterizada como evento coletivo em que se comemora ou rememora algum acontecimento (IPHAN, 2011), a festa se repete a cada ano, ou de tempos em tempos, e são passadas de geração para geração.

Podem ter significado religioso, como as festas dos santos padroeiros das cidades, ou as festividades dos terreiros de candomblé; podem ser de caráter cívico, como as comemorações das datas importantes da pátria ou da cidade; ou relacionadas aos ciclos produtivos, como as “festas do milho”, da “uva”, do “peixe”; podem ser formas de marcar momentos especiais da vida de uma pessoa junto à sua comunidade, como acontece nos rituais de passagem para a vida adulta de alguns povos indígenas ou nas festas de casamento. Enfim, são inúmeras as motivações de uma comunidade para se organizar e celebrar (IPHAN, 2011, p. 3).

Segundo Marques (2008), “as festas são movimentos privilegiados, nos quais sagrado e profano (sobre)vivem e, enraizados no corpo social, constituem como expressão do desejo de estar junto” (MARQUES, 2008, p. 89). Dada à dimensão, às tradições, à necessidade que os indivíduos têm de comemorar, a festa tem a função de reavivar os “laços sociais”, que correm o risco de se desfazerem. Assim, “as festas seriam uma força no sentido contrário ao da dissolução social” (AMARAL, 1998, p. 14).

A festa é a manifestação da cultura de uma comunidade e de um lugar, e pode passar a integrar o patrimônio histórico de um povo. Cultura “como uma ciência interpretativa à procura de significados” (GEERTZ, 2008, p. 15) e faz com que o homem construa o que determinará o modo em que ele irá agir. Patrimônio cultural entendido como “[...] o conjunto dos produtos artísticos, artesanais e técnicos, das expressões literárias, linguísticas e musicais, dos usos e costumes de

todos os povos e grupos étnicos, do passado e do presente" (COELHO, 1997, p. 285).

A festa reverte-se na manifestação de uma comunidade, de um povo e de uma nação. É a exposição de hábitos e costumes; manifestação dos saberes, visibilidade das preferências, emaranhado de significados que se recompõe continuamente e demarcam uma cultura e uma instância orgânica da vida em comunidade. (REIS, 2014, p. 41)

Por outro lado, a festa marca um hiato na rotina das pessoas, rompe o cotidiano, mas também marca a transitoriedade e a efemeridade que “correspondem à estrutura profunda e atemporal da festa, ela só se realiza numa sociedade determinada, num tempo particular” (PEREZ, 2008, p. 2). É na festa que as pessoas têm a oportunidade e uma espécie de autorização para expor suas alegrias e libertar de suas angústias, aventurar pelos excessos e exacerbar, sem medo, as possibilidades que se desenham.

A festa propicia quebra da rotina, tira as pessoas do cotidiano, pode reforçar ou refutar a invisibilidade de alguns na comunidade, as diferenças. Há toda uma preparação: veste-se da melhor roupa, perfuma-se, prepara-se para o que virá. É tempo de ver e ser visto, de divertir-se, sair da rotina. Dar um tempo, quebrar o cotidiano e inserir um momento de fuga, de extravasar, mas também de renovar-se para voltar à normalidade do dia a dia. (REIS, 2015, p. 38).

Esse tempo também pode marcar as diferenças sociais, exaltar posições e valores, expor os confrontos de prestígios e rivalidades dos diferentes grupos sociais, percebidos pela exaltação e ostentação do luxo, das posses, sintetizados nas roupas, acessórios e no consumo. Invisibilidade, visibilidade e cotidiano se entrelaçam. Cotidiano é o “o que nos é dado cada dia” (CERTEAU *et al.*, 2009, p. 17), aquilo que se repete num ritmo quase mecânico, recorrência tal que tende a manter no invisível aquilo que se faz regularmente.

O fazer cotidiano faz com que o indivíduo esteja na visibilidade ou na invisibilidade, assim como a condição de visibilidade “passa pelo reconhecimento da identidade, pelo espelhamento frente a seus iguais e pela distinção do outro” (RIBEIRO, 2009, p. 187). Para Ribeiro (2009, p. 185), “o eu não existe sem o outro na cidade”, assim como “a condição da existência do eu é o outro” (RIBEIRO, 2009, p. 187). Não há contraponto e nem oposição em relação à intensidade dos sentimentos experimentados.

Festa de São José

A Festa de São José é realizada anualmente no mês de maio, envolvem os integrantes da comunidade católica do bairro Vila Nova, em Francisco Beltrão, e é aberta à participação comunitária. Os preparativos começam pelo menos dois meses antes com a divisão das tarefas e das equipes (a litúrgica e a festiva). A primeira cuida da celebração, da parte eucarística e do envolvimento das comunidades ligadas à igreja, a segunda, do almoço a ser servido, da festa, da confraternização, da matinê e os elementos que orbitam o momento festivo.

Como parte da pesquisa, foram acompanhados os momentos que culminaram com a festa; os preparativos finais no sábado e as festividades realizadas no domingo, bem como a cerimônia religiosa. Foram entrevistados o padre responsável pela paróquia, seis assadores, duas mulheres que atuaram na cozinha, uma responsável pela equipe que confeccionou os bolos e doces e seis pessoas que participaram das festividades.

No dia da Festa de São José, um domingo, o movimento começou cedo. Aconteceram dois eventos simultâneos no início da manhã: na igreja, a celebração, no salão comunitário, localizado ao lado da igreja, os preparativos para receber os comensais que se reuniram no salão logo após a missa. Assadores de carne, cozinheiras, pessoas responsáveis pela ornamentação, preparação do local, senhoras envolvidas na confecção de doces e sobremesas, além do pessoal que cuidaram do bar e do apoio movimentaram-se durante toda a manhã.

O almoço servido – para os dispostos a pagar pela carne – ofertou o chamado espeto padrão: nacos de alcatra ou de costela bovina de cerca de 3 quilos. Na cozinha, foi possível observar como as senhoras (e um senhor) corriam contra o tempo a preparar saladas e acompanhamentos para o almoço. Movimentavam panelas, facas, talheres, utensílios e máquinas: higienizavam, descascavam, cortavam, picavam, trituravam.

Em que pese a responsabilidade que recaia sobre eles, a alegria era contagiante. Sobre a alegria das mulheres, o pensamento de Giard (2009) é primoroso:

As boas cozinheiras jamais são pessoas tristes ou desocupadas. Elas trabalham para dar forma ao mundo, para fazer nascer a alegria do efêmero, nunca deixam de celebrar as festas dos grandes e dos pequenos, dos sensatos e dos insanos, as maravilhosas descobertas dos homens e das mulheres que compartilham o viver (no mundo) e o couvert (à mesa). Gestos de mulheres, vozes de mulheres que tornam a Terra habitável (GIARD, 2009, p. 296-297).

O trabalho em mutirão remete a Amaral (1998) ao abordar a alegria contagiante que toma conta “dos que trabalham”, alçados pelo “falatório que descontraí e ameniza o esforço” (AMARAL, 1998, p. 131). Unidos a executar as tarefas, eles demonstram a vontade de construir um projeto como quem cimenta o alicerce de uma construção que tem importância simbólica.

Em torno das churrasqueiras, experientes profissionais com muita história para contar e muito conhecimento para colocar em prática, bailavam a manusear os espetos de carne. São duas churrasqueiras. A de alvenaria comporta as costelas, acomodadas sobre o braseiro por volta das 8 horas da manhã. A outra, improvisada com tijolos soltos, sobrepostos uns aos outros, fixados por barras de ferro e amarrados com arame, comporta a alcatra, colocada pouco depois. São tempos distintos de exposição da carne ao calor de forma a conferir graus idênticos de maciez, cor e textura para cortes distintos.

Não demorou muito e o cheiro do assado tomou conta do ambiente. Por vezes, o fogo ficou mais intenso, gerando certa tensão e foi necessário intervir com água. À medida que se aproxima o momento de servir, as brincadeiras ficaram escassas e pouco se falava. A carne estava chegando ao ponto desejado. Findada a missa, chegaram os primeiros comensais que tomaram lugar nas mesas previamente marcadas com os nomes das famílias (ou ainda com nome de empresas). Em poucos minutos, a movimentação atinge seu ápice.

Com a carne à disposição dos comensais, começou outra sessão. Foi a vez de degustar o assado. Entra em cena o ato de comer, de alimentar o corpo, cuja alma (de alguns) já fora alimentada pela fé. Zum zum, conversas abafadas, sons de abrir de latas, tintilar de talheres, garçons que vão e vem fazem parte da retórica daquele momento.

Após o almoço, o momento de descontração, com bingos, sorteios, resultados de concursos. No meio tarde, o salão ainda estava quase todo tomado. Um grupo musical se apresentou no palco; os casais, no salão. A matinê, que começou no meio da tarde, só terminou ao chegar da noite. Muitos, cansados, mas renovados para a semana que os aguardava. O cotidiano estava a poucos instantes daquele momento de extravaso, conagração, de exaurir as forças.

Foi possível perceber a proximidade entre a religião e a festa, apontada por Durkheim (1989) ao afirmar que em “dias de festa, a vida religiosa atinge grau de excepcional intensidade” (DURKHEIM, 1989, p. 372) e que, às vezes, é difícil separar, com precisão, “as fronteiras entre o religioso e o divertimento público” (DURKHEIM, 1989, p. 452).

O desejo de estar junto na organização da festa faz com que se perceba o significado que o lugar e o momento têm para aquelas pessoas que doam parte do seu tempo, da sua força de trabalho. O ato é carregado de simbolismos. Ao preparar o alimento para nutrir o corpo, essas pessoas completam o ciclo de fé, religiosidade e crença manifestadas na celebração que ocorre simultaneamente na igreja. Alimenta-se o espírito e depois o corpo.

Foi possível perceber o comprometimento e o empenho das pessoas que participavam da festa demonstravam; que aquele lugar, aquele evento, tem um significado para elas, contribui para a formação da identidade e reforça o sentido de compartilhamento, pois, como afirma DaMatta (2014) “comer a mesma comida é essencial para pertencer”. Assim, participar da elaboração da comida, da preparação da festa, servir aos participantes é a consolidação deste envolvimento com o lugar e com os propósitos da festa.

Para Maffesoli (2000) estar junto é o ambiente onde se produz um *éthos* comum, social; é a percepção do modo como os sujeitos estabelecem suas relações no cotidiano (interação, reciprocidade, formação). *Éthos*, para Geertz (2008, p.143) refere-se à “visão de mundo” de um coletivo; aos aspectos morais e estéticos de um povo ou de determinada cultura, seus elementos valorativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio às transgressões, ao caos, à organização, ao movimento, ao compromisso, às apreensões e alegrias foi

possível perceber o quão pedagógico pode ser uma festa. Um dos principais ensinamento/aprendizagem, segundo um dos entrevistados, está na convivência, “no encontro das pessoas, a festa, a alegria” que contrasta com um mundo de violência e de desavenças, o que faz com que as pessoas se fechem e acabam ficando em casa.

A pedagogia da festa trata de um conjunto de habilidades para dançar, cantar, cozinhar, assar, colaborar, orientar, ajudar, lavar, arrumar, colocar à frente de alguma função, a mais simples que seja. Na habilidade de vencer o caos, registrado momentaneamente na festa; nos erros e acertos, no vazio e no complemento, no ensinar e no aprender, mas também no estar junto.

Juntos, os responsáveis pela festa (cozinheiras, assadores, garçons, os da limpeza, do financeiro e os dos atos religiosos) trocaram experiências, possivelmente revelaram alguns segredos, colocaram em prática o que acumularam ao longo do tempo, “aprender fazer, saber fazer e dizer como fazer” (GIARD, 2009, p. 297). Nesse sentido evidencia o ensinamento de uma das senhoras entrevistadas quando diz que “sempre tem uma receita, um chá, um remedinho, um detalhe que aprendemos quando estamos juntas”.

Para os entrevistados durante a festa, estar junto representou transcender os laços de amizade evidenciados na ambiência comum. O lugar da festa, facultado a todos que se submetem às regras (ir à igreja, adquirir o direito à refeição ou simplesmente aparecer na matinê), é frequentado por aqueles que têm algo em comum, que buscam o reencontro, que vai ver e ser visto, se divertir, extravasar.

O efêmero e factual da festa propicia a síntese das relações estabelecidas no cotidiano no qual se organizam e constroem a vida dos sujeitos, realça as representações do estar junto. Ao juntar situações antagônicas, concretiza-se o aprendizado que cada indivíduo leva consigo após momentos vividos e do “*experenciado*” (PEREZ, 2002, p. 2). A festa tem suas funções na vida e no cotidiano dos indivíduos, principalmente por romper com a rotina e instalar um momento de extravaso, de alegria e de exagero. Vai do trabalho à alegria; da visibilidade à invisibilidade; da ordem à desordem; da efervescência à exaltação coletiva.

As relações, o estar junto nos dias de festa suscita a necessidade que se tem de estar em comunidade, o que foi bem delineado nas falas dos que participaram da festa pesquisada e observada. Não se diverte e nem se inventa uma tradição sozinho, não se dá sentido ao lugar, ao espaço sem a relação com os outros, sem a medição de forças, sem se estabelecer o que é visível ou não.

A pesquisa foi importante à medida que se conhecia o bairro, seus personagens, seus espaços; produzia-se uma imersão na temática de investigação que permitiu perceber as questões visíveis e invisíveis que compõem o viver no bairro; proporcionar as contradições e evidenciar as particularidades do lugar. Por vezes, foi difícil apreender a vida do cotidiano e seus fluxos.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, Rômulo. **O Averso da Cena** – Notas sobre produção e gestão cultural. Belo Horizonte: Duo Editorial, 2008.
- AMARAL, Rita. **As Mediações Culturais da Festa**. Mediações, Londrina, v. 3, n. 1, p. 13-22, jan./jul. 1998.
- BARBOSA DA SILVA, Frederico A. **Política cultural no Brasil, 2002–2006. Acompanhamento e análise**. Brasília: Ministério da cultura, vol. 3, 2007.
- BRASIL. Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010. Institui o Plano Nacional de Cultura - PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC e dá outras providências.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria de Políticas Culturais. Diretoria de Políticas Culturais. Coordenação - Geral de Monitoramento de Informações Culturais. **Manual do Sistema de Informações de Indicadores de Cultura (SNIIC)**. Brasília, [s/d].
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano 1 Artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 17ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

- CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; PIERRE, Mayol. **A Invenção do cotidiano 2: morar e cozinhar**. 9. ed. Tradução Ephhaim F. Alves; Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**.
- DaMATTA, Roberto. **Como as festas nos devoram**. In: Opinião O Globo on line. Disponível em . Acesso em 09 jul 2014
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- FLÁVIO, Luiz Carlos. **Memória(s) e território: elementos para o entendimento da constituição de Francisco Beltrão - PR**. [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-graduação em Geografia. Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Presidente Prudente, SP. 2011.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª ed., 13ª reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do cotidiano: morar e cozinhar**. 9. ed. Tradução Ephhaim F. Alves; Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN. 2011.
- LAZIER, Hermógenes. História: construção coletiva. **Jornal de Beltrão**, Francisco Beltrão, 19 mar. 2006. Disponível em: <http://www.jornalbeltrao.com.br/blogs/hermogenes-lazier/historia-construcao-coletiva-4764/>. Acesso em: 14 de set. 2013
- LAZIER, Hermógenes. **Sudoeste do Paraná: região jovem, mas rica de acontecimentos**. Coleção Cadernos do Paraná nº 1. 2.ed. Francisco Beltrão: Assesoar, 1991.
- LANGER, Protásio Paulo. Símbolos e Discursos Acadêmicos na Construção de Uma Identidade Eurocêntrica: o Encobrimento dos Indígenas e Caboclos. In: LANGER, MARQUES e MARSCHNER (Orgs). **Sudoeste do Paraná: Diversidade e Ocupação Territorial**. Dourados (MS): Editora da UFGD, 2010.
- MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das tribos – O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. **A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Tradução: Rogério de Almeida. 2 ed. São Paulo: Zouk, 2005.
- MARQUES, Sônia Maria dos Santos. **Pedagogia do Estar Junto: Éticas e Estéticas no bairro de São Sebastião do Rocio**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 2008.
- MARTINS. Rubens da Silva. **Entre jagunços e posseiros**. Curitiba, 1986.
- PARANÁ. Lei nº 17.043, de 30 de dezembro de 2011a, Institui o Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura – PROFICE, o Fundo Estadual de Cultura – FEC e dá outras providências. Diário Oficial Paraná – Executivo. Ed. 8.620, de 30/12/2011, p. 3.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura. Sistema de Informações e Indicadores Culturais do Paraná. Curitiba: SEC, 2011b.
- PEREZ, Léa Freitas. **Festas e viajantes nas Minas oitocentistas**. Revista Eletrônica Comunidade Virtual de Antropologia. Ed. 39. 2008. Disponível em: . Acesso em: 29 de mar. 2014.
- PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos**. São Paulo: Hacker, 2002.
- REIS, Anilton Nunes dos. **Equipamentos Culturais do Bairro Vila Nova, em Francisco Beltrão/PR: Espaços de Encontros, de Vivências e de Festas**. 2015. 171 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão/PR, 2015.
- RIBEIRO, Rita Aparecida da Conceição. Um Roteiro de Visibilidade e Invisibilidade na Cidade. In: **Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 1, nº 1, p. 185-196. 2009.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teórico e Metodológico da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- TEIXEIRA, Joaquim de Souza. A Festa e a Identidade. **Revista Comunicação e Cultura**. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2010.
- VOGT, Carlos. De Volta às Aulas. **Revista ComCiência**. Disponível em: . Acesso em: 20 de maio 2013.
- WACHOWIZ, Ruy. **Paraná, Sudoeste: ocupação e colonização**. Curitiba: Ed. Literotecnica, 1985.
- WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

NOTAS

[1] Por agentes culturais entendemos como uma expressão ampliada em que são abarcadas as pessoas envolvidas com a cultura, numa tentativa de reunir numa só expressão a totalidade de quem faz cultura. Agente cultural, por muito tempo, foi denominação dada àqueles que negociavam recursos (patrocínios) para a produção de um evento cultural (AVELAR, 2008, p. 52). O Ministério da Cultura aponta como agente cultural “qualquer profissional ou instituição que mantenha relação com o mundo da cultura” (BRASIL, s/d, p. 3). Assim, agente cultural é o que pratica alguma (e qualquer) ação referente à cultura.

[1] Um projeto de colonização federal foi instituído pelo Presidente da República, Getúlio Vargas, no período do Estado Novo (1937/1945), como parte da política da “marcha para o Oeste” para ocupar e desenvolver o interior do Brasil. No Paraná, o propósito foi de fixar (denominada de “vazio geográfico” por registrar a presença de indígenas e caboclos) agricultores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, e instituir um programa de economia com base na agricultura familiar de pequena propriedade.

[1] A Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO) – apoiada pelo Governo Federal – emitia documentos provisórios para os posseiros, enquanto a Clevelândia Industrial e Territorial Ltda. - CITLA, apoiada pelo Governo do Estado, além de outras empresas que se apossaram ou tentaram se apossar das terras do Sudoeste e pleiteavam receber dos posseiros o pagamento pela terra que já ocupavam. Jagunços, violência, mortes, expulsões fizeram parte do cotidiano da região por alguns anos até que em 10 de outubro de 1957, os posseiros expulsaram a CITLA e seus jagunços no episódio chamado “Levante dos Posseiros” ou “Revolta dos Posseiros”.

[1] O autor é mineiro e reside em Francisco Beltrão/PR desde agosto de 2011.

[1] O termo “efervescência” aparece em vários autores como fenômeno que compreende um estado de agitação do espírito; excitação, exaltação; comoção, perturbação, movimento; bulício, alegria, inquietação (AMARAL, 1998, p. 21).

[1] “Êxtase”, para Maffesoli (1985), refere-se àquilo que Durkheim chamou de efervescência, é o transcender do indivíduo no coletivo. No pensamento de Maffesoli (2005) o êxtase, a embriaguez, o phatos, a agitação do espírito, a excitação, a exaltação, a comoção, a perturbação, o movimento, o bulício, inquietação ou simplesmente o que a sociologia denomina de “efervescência” tem por função o apaziguamento da consciência do limite humano, do fato de se saber finito, um ser para a morte.

() Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Francisco Beltrão/PR. Orientadora: Professora Dra. Sônia Maria dos Santos Marques. Especialista em Língua Portuguesa; em Gestão Cultural e Patrimônio Histórico e em Comunicação e Marketing. Professor de Língua Portuguesa do Colégio Estadual Cristo Rei; de Comunicação, do Colégio Reinaldo Sass e de Práticas Discursivas e Linguagens do Colégio Mário de Andrade, em Francisco Beltrão/PR. Jornalista e gestor cultural. Contato: aniltonreis@gmail.com

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 09/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: